

Princípios Fundamentais da Filosofia*

Georges Politzer

Introdução do livro *Princípios Fundamentais da Filosofia* escrito por Guy Besse e Maurice Caveing, que acompanharam o curso de materialismo dialético na Universidade Nova de Paris de **Georges Politzer**. Tornaram-se seus discípulos e publicaram então este livro, baseado na obra original e na experiência dos ensinamentos filosóficos



“Filosofia”, eis uma palavra que, à primeira vista, não inspira confiança a muitos trabalhadores. Acham eles que um filósofo é uma criatura que não tem os pés na terra. Induzi-los a estudar filosofia, talvez pensem, é convidá-los a dar saltos em corda bamba, depois do que a cabeça ficará às tontas ...

A filosofia parece ser assim: um jogo de ideias sem relação com a realidade; jogo obscuro, privilégio de alguns iniciados; jogo provavelmente perigoso e não muito rendoso para quem vive do próprio suor...

Um grande filósofo francês, Descartes, muito antes de nós, já condenava o jogo obscuro e perigoso a que alguns filósofos pretendiam reduzir a filosofia. Assim falava ele a respeito dos falsos filósofos:

* Na Bibliografia, o leitor encontrará a citação da obra correspondente. Quando um autor tem mais de uma obra citada, os seus diversos trabalhos estão numerados em algarismos romanos. Assim, Engels, II, por exemplo, significa a obra de Engels que, na Bibliografia" vem arrolada sob o número 11.

A obscuridade das distinções e dos princípios de que se servem é a causa de poderem falar de todas as coisas como se as soubessem e de sustentarem o que dizem contra os mais capazes e os mais sutis, sem que se tenha meios de os convencer. Por isso, tornam-se comparáveis um cego que, para lutar sem desvantagens contra alguém que não é cego, levasse o adversário para o fundo de um subterrâneo muito escuro. [Descartes, pág. 101.] *

Não é nossa intenção levar o leitor para um «subterrâneo muito escuro». Sabemos que a obscuridade é propícia aos golpes desleais. Há uma filosofia obscura e maléfica, mas há também, como já o afirmava o mesmo Descartes, uma filosofia clara e benéfica, aquela da qual Gorqui dizia:

Seria erro acreditar que faço pouco da filosofia. Sou pela filosofia, mas por uma filosofia que venha de baixo para cima, da terra, dos processos de trabalho; por uma filosofia que, estudando os fenômenos naturais, submeta as forças da natureza aos interesses do homem. Estou convencido de que o pensamento está indissoluvelmente ligado ao esforço, e não sou partidário do pensamento quando em estado de imobilidade, sentado, deitado. [Gorqui, I, pág. 52, nota.]

I. QUE É FILOSOFIA? - Os gregos antigos, entre os quais se contam os maiores pensadores de que a história tem notícia, definiam a "filosofia como o amor pelo saber". Era esse o sentido exato da palavra grega da qual provém a palavra filosofia.

“Saber” quer dizer “conhecimento do mundo e do homem.” Esse conhecimento permitia enunciar certas regras ação, determinar certa atitude diante da vida. Sábio era o homem que agia em todas as circunstâncias de conformidade com tais regras que, por sua vez, se baseavam no conhecimento do mundo e do homem.

A palavra “filosofia” manteve-se desde aquela época por corresponder a uma necessidade. É, por vezes, tomada em diferentes sentidos, que se prendem à diversidade dos pontos de vista a respeito

do mundo. Mas, o sentido mais corrente da palavra é o seguinte: *concepção geral do mundo da qual se pode deduzir certa forma de conduta.*



Um exemplo, tomado da história da França, ilustrará a definição. No século XVIII, os filósofos burgueses da França pensavam e ensinavam, baseados em conhecimentos científicos, que o mundo é conhecível e concluíam ser possível transformá-lo para o bem do homem. Muitos, como por exemplo Condorcet, autor do *Esboço de um Quadro Histórico dos Progressos do Espírito Humano* (1794), concluíam que o homem é *aperfeiçoável*, que se 'pode tornar melhor, que a sociedade pode melhorar.

Um século mais tarde, a grande maioria dos filósofos burgueses pensava e ensinava o contrário: que o mundo é inconcessível, que o “fundo das coisas” escapa à nossa compreensão e nos escapará sempre. Daí a seguinte conclusão: é insensato querer transformar o mundo. É verdade, concordam eles, que podemos agir sobre a natureza, mas é uma ação superficial, uma vez que o «fundo das coisas” está fora do nosso alcance. Quanto ao homem... ele é o que sempre foi, o que sempre será. Há uma «natureza humana» cujo segredo nos escapa. “Por quê, pois, quebrar a cabeça para melhorar a sociedade?”.

Vemos que a “concepção do mundo” (ou seja, a filosofia) não é uma questão sem interesse, uma vez que duas concepções opostas levam a conclusões «práticas» também opostas.

Com efeito, os filósofos do século XVIII queriam transformar a sociedade porque representavam os interesses e as aspirações da burguesia, classe então revolucionária, que lutava contra o regime feudal. Quanto aos filósofos do século XIX, eles representavam (quer o soubessem ou não) os interesses dessa mesma burguesia, que já se havia tornado conservadora; transformada' em classe dominante, ela passa a temer a ascensão revolucionária do proletariado. Ela pretende, então, que nada há de ser mudado num mundo em que é dona do melhor quinhão. Os filósofos «justificam» tais interesses quando procuram desviar as pessoas de toda empresa que vise transformar a sociedade. Exemplos: os positivistas (seu chefe, Auguste Comte, passa aos olhos de muitos como «reformador social»); na realidade, está profundamente convencido' de que o reinado da burguesia é eterno e sua “sociologia”

ignora as forças produtivas e as relações de 'produção' ¹, o que a condena à impotência); os ecléticos (seu chefe, Victor Cousin, foi o filósofo oficial da burguesia; ele justificou a opressão do proletariado e, principalmente, os fuzilamentos em massa de junho de 1848, em nome do «verdadeiro», do «belo», do «bem», da «justiça» etc.); o bergsonismo. (Bergson, a quem a burguesia exaltava por volta de 1900, isto é, na época do imperialismo, empregou todo o seu espírito para desviar o homem da realidade concreta, da ação sobre o mundo, da luta para a transformação da sociedade: o homem deve consagrar-se ao seu «eu profundo», à sua vida «interior», o resto não tem grande importância e, conseqüentemente, os que exploram o trabalho alheio podem dormir tranquilos.)

A mesma classe social, a burguesia francesa, teve, portanto, dois filósofos bem diferentes, num' e noutro século, porque, revolucionária no século XVIII, tornou-se conservadora e, mesmo reacionária, no século XIX. Nada de mais interessante do que à confrontação dos textos que se, seguem. O primeiro data de 1789, ano da revolução burguesa. É de um revolucionário burguês, Camille Desmoulins, que, nestes termos, saúda os novos tempos:

Fiat! Fiat! Vitoriosa a Revolução, vai-se operar a regeneração; nenhum poder da Terra poderá impedi-lo, Sublime efeito da filosofia, da liberdade, do patriotismo! Nós nos tornamos invencíveis? ²

Eis o outro texto. Data de 1848. É de Thiers, homem de Estado burguês, que defende os interesses da classe que está no poder, contra o proletariado:

Ah! se fosse como outrora, se a escola continuasse ainda mantida pelo cura ou pelo sacristão, longe de mim opor-me à extensão das escolas aos filhos do povo... Peço, formalmente coisa diferente desses professores leigos, muitos dos quais são detestáveis; quero frades, ainda que, em outros tempos, pouca confiança eu tenha depositado neles. Quero, de novo tornar poderosa a influência do clero; quero que a ação do pároco seja decisiva, mais forte do que nunca, porque conto muito com ele para propagar a boa filosofia, que ensina ao homem que ele está aqui para sofrer, e não essa outra filosofia que,

¹ A respeito das forças produtivas e das relações de produção, ver a Décima Quinta Lição.

² Citado por Albert Soboul: 1789 L'An *III* de la Liberté, Editions Sociales, Paris, 1950, 2ª edição, pág. 63.

em oposição, diz: goza porque estás aqui para realizar a tua felicidade; se não a encontrares na situação atual, ataca sem medo rico cujo egoísmo te recusa o quinhão de ventura a que tens direito; tirando do rico o supérfluo, garantirás teu bem-estar e o dos que estão na mesma situação que tu.³

Vê-se que Thiers interessa-se pela filosofia. Por quê? Porque a filosofia tem caráter de classe. É certo que, em geral, os filósofos não duvidam disso. Em toda concepção do mundo há um sentido prático: favorece determinadas classes e desmerece outras. Veremos que o marxismo é, também, uma filosofia de classe.

Enquanto o burguês revolucionário Camille Desmoulins via na filosofia uma arma a serviço da revolução, o conservador Thiers olhava-a como uma arma a serviço da reação. social: a «boa filosofia» é aquela que convida o trabalhador a dobrar a espinha. Assim pensava o futuro fuzilador dos heróis de Comuna de Paris.

II. PORQUE DEVEMOS ESTUDAR FILOSOFIA?

Hoje, os sucessores de Thiers, na França como nos Estados Unidos, movem processos de opinião contra os marxistas, eles gostariam de aniquilar não só os marxistas, mas também a sua filosofia. Assim Thiers pretendia matar, com os comunistas, as ideias de progresso social. Por isso mesmo é que o dever dos operários e dos trabalhadores em geral deve ser: opor à filosofia que serve aos exploradores, uma filosofia capaz de ajudar na luta contra esses mesmos exploradores. O estudo da filosofia importa, pois, e muito, aos trabalhadores. Esta importância surge, imediatamente, quando o problema se coloca no terreno dos fatos.

Os fatos são a situação cada vez mais dura que a política da burguesia, hoje classe dominante, impõe a todos os trabalhadores do país: desemprego e vida cara, oportunidades recusadas aos jovens, investidas contra as leis sociais, contra o direito de greve, contra as liberdades democráticas repressões, agressões armadas (notadamente 14 de julho de 1953 em Paris), colonização do país pelo, imperialismo americano, a sangrenta e ruinosa guerra do Vietnã, reconstituição da Wehrmacht

³ 'Citado por Georges Gogniot: *La Question Scolaire en 1848 et la Loi Falloux*, Éditions Hier e Aujourd'hui, pág, 189.

etc. E os trabalhadores' perguntam a si mesmos: como sair desta situação? A necessidade de saber Dor que as coisas são assim se torna cada vez mais geral, cada vez mais aguda. De onde vem o perigo de guerra? De onde vem o fascismo? De onde vem a miséria? Os trabalhadores de nosso país querem compreender o que se passa e querem saber como essas alisas podem ser mudadas.

Não está, pois, bem claro que, se a filosofia é uma concepção do mundo, concepção que tem consequências práticas, é preciso que os trabalhadores que querem modificar o mundo tenham dele uma justa concepção? Além do mais, é preciso mirar bem para atingir o alvo.

Admitamos que todos os trabalhadores pensem que a realidade é inconcessível. Assim sendo, estarão indefesos contra a guerra, o desemprego, a fome. Tudo o que acontecer será para eles ininteligível; suportarão tudo como fatalidades. É justamente a esse ponto que a burguesia os quer levar. Além disso, a burguesia vale-se de todos os meios para difundir uma concepção do mundo que esteja de acordo com os seus interesses. Assim se explica a profusão de ideias como esta: "Haverá sempre ricos e pobres." Ou ainda: "A sociedade é uma selva, e o será sempre; portanto, cada um para si! Devora o outro se não queres que ele te devore. Operário, procura conquistar as boas graças do teu patrão, em detrimento dos teus companheiros de trabalho, ao invés de te unires a eles, na defesa comum de vossos salários. Empregada, procura tornar-te amante do patrão, e terás vida regalada. E os outros que se arranjem ... "

Essas ideias são encontradas em quantidade em Seleções do Reader's Digest, na «imprensa sadia»... É o veneno com que a burguesia quer corromper a consciência dos trabalhadores e do qual, por conseguinte, ele se devem defender. Esse veneno se encontra, entretanto, sob as mais diversas formas. É assim que os trabalhadores que ainda leem o Franc-Tireur compram, sem o saber, quinze franco) de veneno por dia. Sem o saber, porque Franc-Tireur tripudia, grita que isto vai mal e que ainda se há de ver isto e mais aquilo; mas, Franc-Tireur evita dizer por que isto vai mal, evita mostrar as causas e, principalmente, se encarrega de impedir ou de desfazer a união dos trabalhadores, essa união que é, precisamente, o único meio de sair do atual estado de coisas.

Todas essas ideias provêm, em última análise, de uma concepção do mundo, de uma filosofia: a sociedade é inatingível; é preciso admiti-la tal como ela é, suportar lhe a exploração ou então conquistar um «lugarzinho» a qualquer preço ...

Ora esta! Para que procurar saber o «porquê» e o «como» das coisas que nos acontecem? A injustiça é cometida todos os dias, e a força está acima do direito!

Eis o que se pode ler em Super-boy, uma das numerosas publicações que a burguesia destina aos filhos dos trabalhadores. Violência, desprezo pelo homem; é isso que, de fato, convém às necessidades da burguesia agressiva, para quem a guerra de conquista é atividade normal.

É oportuno lembrar o que Lenine dizia em 1920, no III Congresso da Federação das Juventudes Comunistas da Rússia. Assim descrevia a sociedade capitalista:

“A sociedade antiga baseava-se no seguinte princípio: ou roubarás o' teu próximo, ou ele te roubará; ou trabalhas em proveito de. outro, ou é ele que trabalha em teu proveito; ou és senhor de escravos, ou serás tu mesmo o escravo. Compreende-se que homens educados nessa sociedade suguem, com o leite materno, uma psicologia, hábitos e ideias de escravagistas, ou de escravo, de patrão, ou de empregado, de pequeno funcionário, de intelectual: em resumo, de homem que não pensa senão em possuir aquilo que necessita, desinteressando-se pelos outros.

Se exploro o meu «pedaço» de terra, não me devo preocupar com os outros; se os outros têm fome, tanto melhor: vender-lhes-ei mais caro o meu trigo. Se tenho meu «lugarzinho», como médico, engenheiro, professor ou empregado, que me importa o próximo? Pode ser que adulando os detentores do poder, procurando agradá-los, eu conserve meu lugar e consiga; mesmo «subir» e tornar-me também um burguês.” [Lenine, I T. II, págs. 497 e 815.]

É preciso, pois, fazer guerra sem tréguas, fora de nós e em nós mesmo, a essa velha filosofia, tão apreciada pela burguesia reinante, porque ela tem a seu favor, além da tradição e dos preconceitos, a grande imprensa, o rádio, o cinema... É preciso aceitar o convite de Barbusse, que dizia, evocando a necessidade dessa luta constante contra as velhas ideias-veneno: *Recomeçarás, se necessário, com magnífica honestidade.* [Barbusse, r, pág. 10.]

É preciso trabalhar para ter ideias novas que tragam consigo a confiança; e não o desespero, a luta e não a resignação. Para os trabalhadores, isto não é uma questão secundária. É uma questão de vida ou de morte, porque eles não poderão se livrar da opressão de classe se não tiverem uma concepção do mundo, que os leve a poder efetivamente transforma-lo.

A propósito, em A Mãe, conta Gorqui como, na Rússia dos czares, uma velha, até então resignada

com tudo, sem esperança, torna-se uma revolucionária indômita por haver compreendido, graças ao filho, combatente heroico do socialismo, as origens do sofrimento do povo, por haver compreendido que era possível por fim àquele estado de coisas.

O estudo da filosofia não será inútil àqueles que lutam, que não se resignam; efetivamente, ó uma concepção objetiva do mundo lhes pode dar razões para lutar,

Sem teoria justa, não há luta vitoriosa. Alguns creem que, para atingirmos um alvo, basta que as condições de êxito se realizem. Estão errados, porque é preciso ainda saber se essas condições estão se realizando. Quanto mais complicadas forem as situações, mais importante saber situar-se dentro delas.

Essas observações são válidas quando se trata da luta revolucionária, da luta pelo socialismo e pelo comunismo. *"Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário"* dizia Lenine.

Essas observações são válidas também para a luta por outros objetivos: luta pelas liberdades democráticas, pelo pão, pela paz.

Portanto, é por necessidade prática que devemos estudar filosofia, que nos devemos interessar pela concepção geral do mundo.

Vejam agora, mais de perto, qual a filosofia que nos permitirá conhecer o mundo e, por conseguinte, lutar pela sua transformação.

III. QUE FILOSOFIA ESTUDAR?

a) Uma filosofia científica: o materialismo dialético

Se quisermos transformar a realidade; (natureza e sociedade). é necessário conhecê-la. É através das diversas ciências que o homem conhece o mundo. Assim sendo, apenas uma concepção científica do mundo pode convir aos trabalhadores, na luta por uma vida melhor. Esta concepção científica é a filosofia marxista, é o materialismo dialético.

Uma questão vem-nos então ao espírito: que diferença existe entre «ciência» e «filosofia»? Não se

identifica a segunda como primeira? A filosofia marxista é, com efeito, inseparável das ciências, mas distingue-se delas. Cada uma das ciências (Física, Biologia, Psicologia etc.). se propõe estudar as leis próprias de um bem determinado setor da realidade. O materialismo dialético tem, porém, um duplo objetivo:

1.º) como dialética, estuda as leis mais gerais do universo, leis comuns a todos os aspectos da realidade, desde a natureza física, até o pensamento, passando pela natureza viva e pela sociedade. (As próximas lições abordarão o estudo dessas leis.) Marx e Engels, fundadores do materialismo dialético, não fundamentaram, porém, a dialética em fantasia. Foi o progresso das ciências que lhes permitiu descobrir e formular as leis mais gerais, que são comuns a todas as ciências e que são expostas por sua filosofia.⁴

2.º) como materialismo, a filosofia marxista é uma concepção científica do mundo, a única científica, isto é, a única que está conforme com o que ensinam as ciências. Ora, o que ensinam as ciências? Que o universo é uma realidade material, que o homem não é estranho a essa realidade, que pode conhecê-la, e, pelo conhecimento, transformá-la, como provam os resultados práticos obtidos pelas diversas ciências. Abordaremos o estudo do materialismo filosófico nas lições 8º, 9º, 10º e 11º. O materialismo marxista não se identifica com as ciências, porque o seu objeto não é o aspecto limitado do real (que é o objeto das ciências), mas a concepção do mundo em seu conjunto, concepção que todas as ciências admitem implicitamente, ainda que os cientistas não sejam marxistas.

“A concepção materialista do mundo,” diz Engels, “significa, simplesmente, a concepção da natureza, tal como ela é, sem adição de estranhos.”

[Engels, L]

Cada ciência estuda um aspecto da “natureza, tal como ela é”.

A filosofia marxista é, porém, a concepção geral da “natureza, tal como ela é”. É, pois, ainda que não se identifique com as ciências, uma filosofia científica.

Já dissemos que o materialismo dialético não se identifica com às ciências. Mas, acabamos de ver, também, que as ciências são, necessariamente, dialéticas (uma vez que não se podem constituir se

⁴ A respeito da formação da teoria marxista, ver as lições primeira e décima quarta.

desconhecerem as leis mais gerais do universo) e materialistas (uma vez que têm por objeto o universo material). O materialismo dialético é, pois, inseparável das ciências. Ele não pode progredir a não ser fundamentado nelas; ele é a síntese delas. Em troca, ele as ajuda poderosamente, como teremos oportunidade de constatar. Além disso, ele se impõe a tarefa de criticar as concepções não-científicas do mundo, as filosofias antidialéticas e antimaterialistas.

O materialismo histórico estende à sociedade os princípios do materialismo dialético, como veremos nas lições 15ª e 21ª. Materialismo dialético e materialismo histórico constituem o fundamento teórico do socialismo científico e, por conseguinte, do comunismo.

Resumindo todas essas características Stalin escreveu:

“O marxismo é a ciência das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, a ciência da revolução das massas oprimidas e exploradas, a ciência da vitória do socialismo em todos os países, a ciência da edificação da sociedade comunista.” [Stalin, I, pág. 59.]

b) Uma filosofia revolucionária: a filosofia do proletariado

É justamente' por ser científica e, como tal, capaz de se comprovar pelos fatos - a prática verificando a teoria -' que a filosofia marxista é, ao mesmo tempo, a filosofia do proletariado, a teoria do partido do proletariado, classe revolucionária, cujo papel histórico é vencer a burguesia, suprimir o capitalismo e constituir o socialismo.

Voltaremos, na Décima Quarta Lição, a falar da importância dos laços que unem o proletariado ao marxismo. Convém, entretanto, pô-los em evidência desde já.

Se, efetivamente, o proletariado aderiu à filosofia marxista, se a assimilou e se a enriqueceu, é porque na luta para transformar a sociedade - sociedade na qual é vítima - ele se impôs a tarefa de compreender essa sociedade, de estudá-la cientificamente. A burguesia, defendendo seus interesses de classe privilegiada, procura fazer esquecer que sua dominação repousa na exploração da- força de trabalho. Ela nega a própria realidade da exploração capitalista porque reconhecer a realidade seria contrário aos seus interesses de classe, volta cada vez mais as costas à verdade.

Muito diferente é a posição do proletariado. Seu interesse de classe explorada, que quer sacudir o

jugo, consiste em encarar o mundo de frente. A classe exploradora necessita de mentiras, para perpetuar a exploração; a classe revolucionária necessita da verdade, para acabar com a exploração; tem necessidade de uma concepção justa do mundo, para dar conta de sua tarefa revolucionária, adequadamente.

Ver o mundo de frente, nisto consiste o materialismo.

Ver o mundo em seu desenvolvimento real, nisto consiste o materialismo dialético (sendo a dialética o estudo das leis que explicam desenvolvimento da sociedade).

Podemos, pois, dizer, que, por ser' filosofia científica, o materialismo dialético tornou-se a filosofia da classe revolucionária, da classe cujo interesse é compreender a sociedade, para se libertar da exploração. O marxismo é a filosofia científica do proletariado.

A. Idanov pôde dizer:

“O aparecimento do marxismo, como filosofia científica do proletariado põe fim ao período antigo da história da filosofia quando esta era ocupação de solitários, o apanágio de escolas compostas de pequeno número de filósofos e seus discípulos, fechados, divorciados da vida e do povo, estranhos ao povo. O marxismo não é uma escola filosófica dessa espécie. Ao contrário, aparece como um avanço sobre a filosofia antiga, uma vez que esta era o privilégio de alguns eleitos, de um aristocracia do espírito; surge como o início de um período inteiramente novo, em que a filosofia se transforma em arma científica nas mãos das massas proletárias em luta pela própria emancipação” [Idanov, I págs. 44-45.]

É esta a filosofia que estudaremos 'porque, sendo científica, traz aos trabalhadores a luz que aclara a luta em que se empenham. Aos trabalhadores, e não apenas aos proletários, uma vez que os trabalhadores manuais e intelectuais são os aliados do proletariado revolucionário e têm os 'mesmos interesses contra a burguesia capitalista.

O estudo do marxismo, filosofia científica do proletariado, é tarefa de todos aqueles que, proletários ou não, desejam desfazer as mentiras propícias ao reinado da burguesia. Como toda ciência, a teoria marxista é acessível a todo homem, qualquer que seja a sua classe: um burguês pode ser marxista, desde que se coloque ao lado do proletariado, que se situe no ponto de vista do proletariado.

O laço que une o marxismo ao proletariado permite-nos compreender que a filosofia marxista, filosofia do proletariado, é necessariamente uma filosofia de partido. O proletariado não pode, com efeito, vencer a burguesia sem um partido revolucionário que conheça a ciência das sociedades. Esta ideia já foi expressa por Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista; Lenine, por sua vez, disse: *“Marx! e Engels foram, em filosofia, do começo ao fim, homens de partido.”* [Lenine, H, pág. 312.]

O mesmo aconteceu com seus melhores discípulos, principalmente com Lenine e com Stalin.

IV. CONCLUSÃO: UNIDADE ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Para os trabalhadores e, em particular, para os proletários, o estudo da filosofia marxista não é um luxo: é um dever de classe. Não cumpri-lo é deixar o campo livre às concepções anticientíficas e reacionárias, de que se serve a opressão burguesa; é privar o movimento operário da bússola que o norteia.

A burguesia teme a filosofia do proletariado e faz-lhe guerra por todos os meios. Durante décadas," afastou-a das universidades, na tentativa de extingui-la. Depois, como aumentasse a influência do materialismo dialético (ao mesmo tempo que crescia a autoridade da classe operária), foi necessário usar de astúcia: os ideólogos burgueses mudaram de tática. Passaram a dizer: é claro que o marxismo, outrora, satisfazia. Hoje porém, está superado. Daí, as inúmeras tentativas de «superação» do marxismo. Significativo é que todas essas novas teorias passem por uma operação preliminar: a liquidação ou a falsificação das bases filosóficas do marxismo; a liquidação ou a falsificação do materialismo dialético.

A burguesia obteve, nessa tarefa, a colaboração solícita dos chefes da socialdemocracia internacional. Na França, em particular, a ajuda de Léon Blum. Em *A Escala Humana* (1946), ele nega que o socialismo tenha necessidade de uma filosofia materialista, em oposição aos ensinamentos de Marx. E os chefes da Internacional Socialista se colocam, abertamente, sob as asas da religião: O marxismo - o materialismo dialético e histórico - não é absolutamente necessário ao socialismo; a inspiração religiosa é para ele muito mais valiosa.⁵

Veremos que tais manobras conseguiram atrair a interdição sobre a luta de classe, isto é, sobre a revolução.

⁵ *Sstatuts de la !'T o u uelle H Internatio.nale S o cialiste". (C. O. M. I . S. C. O. transformé.)*

Mas, os silêncios e as falsificações em nada podem mudar a verdade do materialismo dialético e do materialismo histórico. Fatos são fatos. Por exemplo, presentemente, exasperam-se as controvérsias entre os diversos países capitalistas, embora reunidos em coalisção contra o país do socialismo, Os próprios capitalistas constataam essa situação que já havia sido prevista e descrita por Stalin em seu último trabalho: Os Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S., trabalho esse que desenvolve e enriquece a teoria marxista"

Os fatos aí estão. A vitória do socialismo, a implantação do comunismo na U.R.S.S., o impulso das democracias populares, os progressos dos partidos operários marxistas-leninistas, são outras tantas provas da potência soberana da teoria marxista. E as filosofias burguesas apenas conseguem registrar (e tentar justificar, sem explicar) a acentuação da crise geral do capitalismo.

Há, entretanto, um ponto que não deve ser esquecido pelos que empreendem o estudo da filosofia marxista. Filosofia científica do proletariado revolucionário, o marxismo jamais separa a teoria (isto é, o conhecimento), da prática {ou seja, a ação}. Marx, Engels e seus discípulos foram, ao mesmo tempo, pensadores e homens de ação. Foi, aliás, esta ligação orgânica entre a teoria e a prática que permitiu o enriquecimento do marxismo: cada etapa do movimento revolucionário preparou novo avanço da teoria. Não é possível assimilar os princípios do marxismo se não houver participação na ação revolucionária, que põe em evidência a fecundidade daquela teoria.

*"A teoria marxista-leninista não é um dogma, mas um guia para a ação"*⁶

⁶ *Histoire du Parti Communiste (bolchévik) de l'U.R.S.S., Éditions en Langues Étrangères, Moscou, 1949, conclusão § 2, pág. 394.*